

Urban Sketchers e a cidade: sociabilidades, materialidades e sensibilidades

Paulo Henrique Tôrres Valgas*

Após dez anos desde seu início, o *Urban Sketchers* (USk) já tem muita história para contar. Esse movimento de desenhistas que saem às ruas para capturar as cidades onde vivem e para onde viajam têm estabelecido muitos vínculos com a urbe, dialogando e respondendo às demandas das cidades na contemporaneidade. O movimento, criado pelo espanhol Gabi Campanario, tem um manifesto com oito itens; esse artigo se propõe a abordar os itens VI, VII e VIII, cujas linhas norteadoras são: “Nós nos apoiamos e desenhamos juntos”, “Nós compartilhamos nossos desenhos online” e “Nós mostramos o mundo, um desenho de cada vez”. O *Urban Sketchers* será analisado levando em consideração a importância da coletividade, o compartilhamento em rede, a necessidade de vivenciar os espaços, de parar para olhar um mundo saturado de imagens e experimentar a urbe na linha do imaginário e do sensível. As cidades, vistas e sentidas de inúmeras maneiras no decorrer da história, podem ser relacionadas com o *Urban Sketchers* a partir das sugestões de Sandra Pesavento no que diz respeito à materialidade, à sociabilidade e à sensibilidade:

A cidade é, sobretudo, uma **materialidade** erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza [...] um outro da natureza: é algo criado pelo homem, como sua obra ou artefato. Aliás, é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espa-

* Professor de História no Instituto Federal Catarinense (IFC); Graduado em História (UNISUL), Especialista em História da Arte (UNISUL) e Mestre em Artes Visuais/Teoria e História da Arte (UDESC); Pesquisa História da Arte e História da Cidade e suas sensibilidades, sobretudo o movimento Urban Sketchers. E-mail: paulotorres_1989@hotmail.com.

ção construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa. [...] Mas a cidade, na sua compreensão, é também **sociabilidade**: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. [...] A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. É por isso que, ao lado das imagens icônicas da materialidade urbana, há toda uma outra linha de representação que exhibe a cidade através da sua população, com suas ruas movimentadas, o povo a habitá-la, a mostrar sua presença e também a sua diversidade, em imagens ora ternas, ora terríveis de contemplar [...] a cidade é, ainda, **sensibilidade** [...]. Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo. Cidades pressupõem a construção de um *ethos*, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de urbano. A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (2007, p. 13-14, grifos meus).

A partir desses três pressupostos, o artigo analisará o movimento, partindo de referenciais teóricos, relatos postados pelos membros do movimento e desenhos compartilhados nas redes oficiais do USk. Antes, porém, o movimento será devidamente apresentado.

O movimento *Urban Sketchers*

Em novembro de 2007, Gabi Campanario, ilustrador e jornalista espanhol, criou um grupo virtual chamado *Urban Sketches*, cujo propósito era unir pessoas que gostam de desenhar as cidades onde vivem e para onde viajam, sempre no local, não através de fotografias. Em um primeiro momento, a proposta era publicar na *web* os desenhos feitos a partir da experiência de sair às ruas para fazer o que se conhece por desenho *in loco* ou “desenho de locação”. Os dese-

nhos deveriam ser publicados na página da rede social *Flickr*, sendo advertido que deveria ser fornecido o local do *sketch*, seu contexto ou cenário dos objetos, pessoas ou lugares. Em 2008, Campanario criou um *blog* e chamou-o de “*Urban Sketchers*”. Sua intenção era que os leitores pudessem “ver o mundo, um desenho por vez”, frase destaque de um manifesto que ele criou para expor suas ideias.¹ A comunidade ganhou visibilidade e inspirou entusiastas do desenho em todo lugar. A missão do USk é aumentar o valor artístico, narrativo e educacional do desenho de locação, promovendo sua prática e conectando pessoas ao redor do mundo que desenharam o lugar onde elas vivem e para onde viajam.

O USk espalhou-se pelo mundo e tornou-se uma organização internacional, dividida em grupos nacionais, que também se subdividem em grupos locais, com seus respectivos coordenadores e correspondentes (responsáveis por postagens nos *blogs*). No final de 2018, o movimento chegou a ter 200 *blogs* regionais, mais de 1000 correspondentes pelo mundo, em mais de 20 países, 170 mil desenhos postados no *Flickr*, 150 mil visualizações no *blog* internacional por mês e 2,5 milhões de visitas desde a sua fundação, além de 60 mil membros nas páginas USk no *Facebook*. Esses dados se desatualizam diariamente, tamanha a produção dos grupos. Entre os participantes, encontram-se desde profissionais das áreas circundantes do desenho, como a Arquitetura, o *Design* e as Artes Visuais, até pessoas que têm o desenho por *hobby*. Anualmente, promovem-se simpósios internacionais para compartilhar experiências, participar de palestras, seminários e oficinas ministradas por educadores profissionais, arquitetos, ilustradores e artistas. Um dos momentos mais importantes desses eventos são as saídas às ruas em grupos para desenhar. Os simpósios acontecem desde 2010, tendo sido sediados em países como Estados Unidos, Portugal, República Dominicana, Espanha, Brasil, Singapura, Inglaterra e Holanda.

No Brasil, o USk surgiu em 2011 através dos arquitetos Eduardo Bajzek e Juliana Russo e do artista João Pinheiro, residentes em São Paulo. No final de 2018 essa comunidade já possuía em torno de 60 correspondentes no *blog* e mais de 8 mil membros no perfil do *Facebook*. O USk Brasil tem realizado encontros nacionais anuais desde 2016, nos mesmos moldes dos simpósios internacionais, tendo sido sedes as cidades de Curitiba, São Paulo, Salvador e Ouro Preto, reunin-

1 Os oito itens do Manifesto são esses: 1. Nós fazemos desenhos de locação, através da observação direta, seja em ambientes externos ou internos. 2. Nossos desenhos contam histórias do dia a dia, dos lugares em que vivemos, e para onde viajamos. 3. Nossos desenhos são um registro do tempo e do lugar. 4. Nós somos fiéis às cenas que estamos retratando. 5. Nós utilizamos qualquer tipo de técnica e valorizamos cada estilo individual. 6. Nós nos apoiamos e desenhamos juntos. 7. Nós compartilhamos nossos desenhos online. 8. Nós mostramos o mundo, um desenho de cada vez. Disponível em: < <http://brasil.urbansketchers.org/p/sobre-o-urban-sketchers-br.html> >. Acesso em: 21 dez. 2019.

do em média 200 a 300 pessoas a cada ano. A figura 1 é uma fotografia compartilhada por Raul Lisboa no Morro da Forca, em Ouro Preto (MG), no IV Encontro *Urban Sketchers* Brasil, em junho de 2019, e mostra uma das sessões de desenho.



Figura 1 – Sketchers desenhando durante o III Encontro Nacional USK em Ouro Preto (MG). Fotografia de Raul Lisboa. 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/raul.lisboa.33/posts/2426791567381267>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

O *Urban Sketchers* e a cidade

A cidade tem sido, ao longo dos tempos, objeto de interesse de diversos artistas, poetas e intelectuais. Na pintura, Ambrogio Lorenzetti foi o primeiro a tratar a cidade como tema, pintando entre 1337 e 1340 os painéis “Alegoria do Bom Governo”, “Vida na Cidade. Os Efeitos do Bom Governo”, “Alegoria do Mau Governo”, entre outros que representavam a cidade de Siena, na Itália. Desde então, a pintura de paisagens urbanas, assim como a própria cidade, foram ganhando terreno. Os dois últimos séculos foram os mais prolíficos. Na Europa ocidental, a Revolução Industrial transformou de forma significativa o espaço urbano e, conseqüentemente, o rural. O discurso progressista e higienista, que por um lado embelezou e organizou as cidades, por outro teve que pagar um preço alto com a demolição do patrimônio e a exclusão social. As multidões, que tomaram as ruas das cidades, que logo se tornaram metrópoles, foram ora um objeto de terror,

ora um objeto de encanto. “[...] A vida moderna possui uma beleza peculiar e autêntica, a qual, no entanto, é inseparável de sua miséria e ansiedade intrínsecas”, afirmou Charles Baudelaire (1855, apud Berman, 1986, p. 162). Aliás, o poeta francês pode ser considerado o primeiro a eleger a cidade como objeto poético. “Transformar em poesia uma cidade [...], fazer com que em cada momento mutável a verdadeira protagonista seja a cidade viva [...]: Essa foi a tarefa à qual Baudelaire se sentiu chamado no momento em que começou a escrever *As flores do mal*” (Menezes, 2009, p. 1). A partir dele, outros autores passaram a tomar a cidade como inspiração, sobretudo as metrópoles, como Londres, Paris, Berlim e Viena. No século seguinte, surgiram metrópoles por todo o mundo e, mesmo em cidades com tamanhos médios, os modos de vida metropolitanos foram sendo incorporados. A década de 1930 em Porto Alegre, por exemplo, é citada por Pesavento (1995, p. 282) por apresentar os ares de metrópole: “em suma, os porto alegrenses sentiam a sua cidade como metrópole e a representavam como tal em crônicas de jornais, poesias, imagens e discursos variados”.

As grandes cidades tornaram-se “mais” em uma série de características: mais populosas, mais tumultuadas, mais labirínticas, mais violentas, mais brutalizadas, mais mimetizadas. A fragmentação, o superficialismo, as experiências imediatas e solitárias se tornaram parte da experiência cidadina. Sua imagem ficou corrompida pelo excesso: *outdoors*, sujeira, fumaça, desestetização. As praças, locais de reunião, tornaram-se vácuos de cidadania. Ocupadas por marginalizados, tornaram-se palco de violência e degradação (e de resistência, em alguns casos). Muros pichados, monumentos vandalizados e com pouca ressonância histórica dão o novo tom de muitos desses espaços públicos.

Uma metrópole propicia aos seus habitantes representações contraditórias do espaço e das socialidades que ali têm lugar. Ela é, por um lado, luz, sedução, meca da cultura, civilização, sinônimo de progresso. Mas, por outro lado, ela pode ser representada como ameaçadora, centro de perdição, império do crime e da barbárie, mostrando uma faceta de insegurança e medo para quem nela habita. São, sem dúvida, visões contraditórias, de atração e repúdio, de sedução e rechaço, que, paradoxalmente, podem conviver no mesmo portador. Esta seria até, como lembra Marshall Berman (1986), uma das características da modernidade enquanto experiência histórica individual e coletiva: a postura de celebração e combate diante do novo, que em parte exerce fascínio e em parte atemoriza. (Pesavento, 1995, p. 286).

O choque dessas mudanças foi abordado por diversos teóricos. Para Mateus de Mesquita e Pontes, Benjamin, Simmel e Baudelaire trataram a cidade mo-

derna “como o espaço da não memória e das perdas das tradições entendidas como experiências coletivas e individuais, isto é, um lugar fluido que não garantia a solidez das identidades” (Pontes, 2013, p. 232). Ou como Baudelaire caracterizou o moderno: o efêmero e o fugidio. Curioso em relação às novidades, ele não se deixou enganar pela ilusão do progresso e pela mercantilização das relações sociais. Por isso, Benjamin (1989) o denominou um lírico no auge do capitalismo.

As relações sociais sofreram brusca alteração à medida que as cidades foram crescendo, normalmente de modo desordenado. Sérgio Carvalho, no texto “A saturação do olhar”, afirma que:

Na cidade os transeuntes não se atraem, o espaço urbano é o movimento contínuo, a proximidade física quase que promíscua de corpos que se estendem em espaços exíguos de calçadas tumultuosas é, ao mesmo tempo, a promessa anunciada de distanciamento, de deslocamento rápido, de olhares que não se cruzam, de almas que não se entregam. Nesse sentido, a cidade afasta, distancia, desloca e isola. Seu espaço é o da descontinuidade, da despartença, desintegração e do desencontro. O ritmo nervoso da metrópole atormenta e afasta seus habitantes. A multidão em desvario, indiferente ao destino de todos os demais, acelera o passo para não tardar no seu compromisso fúnebre e solene com a instantaneidade das horas dos escritórios e fábricas. Alguns segundos e já é tarde demais. O amor à primeira vista, nesse sentido, na leitura baudelaيرية de Benjamin, confunde-se com o amor à última vista. (Carvalho, 1997, p. 135).

Os indivíduos citadinos se encontram, articulam negócios, praticam trocas, mas boa parte das relações são superficiais, como que entre estrangeiros, cujas biografias estão ocultas. Em números, os contatos crescem, mas diminuem em qualidade.

Quanto à materialidade, Pesavento (2008, p. 5) destaca questões como o abandono dos centros, seu desgaste físico e o desuso social, estando acometidos de “uma perda de significado e de memória, sofrendo pelo esquecimento e pela falta de sentido histórico, que foi perdido através das gerações”. Além disso, a modernização vivida pelas cidades “impede as evocações espontâneas, dadas pela contemplação inadvertida de um espaço, de um prédio, ou de uma situação criada no contexto da cidade que parece estranhamente familiar” (Pesavento, 2005, p. 12). Não apenas uma eliminação radical das marcas do passado, corre-se o risco de bloquear a sensibilidade, a capacidade de reconhecer num local ou objeto um passado urbano. Essas questões também perpassam as ideias de Sergio Lage Carvalho:

A arquitetura do passado cede rapidamente terreno para as formas e con-

tornos do mundo da produção e do trabalho. As cidades modernas nos seus traçados, nas suas construções e na sua geografia se transformam radicalmente. Enterram-se as lembranças, apagam-se as inscrições históricas e condena-se a memória pessoal e coletiva ao esquecimento. As cidades, enquanto espaços de alegrias e mutações, fragmentações e descaminhos labirínticos, geram o estranhamento, a deriva, o esquecimento e a solidão. [...] Nada parece ter história, passado ou consistência, tudo parece estar na iminência do desvanecimento, do esfacelamento, da perda, da ruptura e da morte. (Carvalho, 1997, p. 128)

Sobre a sensibilidade, podemos destacar os efeitos da cidade sobre a vida mental, como trata Simmel (1979), o excesso de imagens e a velocidade com o qual lidamos diariamente, gerando a barbárie da indiferença. Nesse mundo que escoo pelas mãos, as referências culturais se perdem, as identidades se confundem, os excessos brutalizam. Paulo Prado (1980, p. 11) afirmou que, com a aceleração da vida moderna, vamos perdendo o contato e nos encontramos, de repente, em uma cidade como outra qualquer: “isso explica a instabilidade emocional que acomete todos nós. De repente, você não tem mais a sua paisagem, perde as suas referências culturais”. Para Marco Menezes

O homem metropolitano, por sua vez, ao ter de suportar alterações bruscas e ininterruptas entre estímulos externos e internos, passa a sofrer uma intensificação dos estímulos nervosos. Diferentemente, a vida na pequena cidade que repousa sobre impressões distintas apenas ligeiramente entre si exige menos consciência do homem que a rápida convergência de imagens mutáveis em um simples atravessar de rua na metrópole. [...] O homem da cidade grande reage mais com a cabeça que com o coração. A inteligência, que está bastante afastada da zona mais profunda da personalidade, assume papel de protetora do indivíduo contra o poder desagregador da vida metropolitana, protegendo assim a vida subjetiva. (Menezes, 2013, p. 53-54).

Paul Valéry afirma que “a volúpia está morrendo. Ninguém mais sabe fruir. Alcançamos a intensidade, a enormidade, a velocidade, as ações indiretas sobre os centros nervosos pelo caminho mais curto” (2012, p. 154). Embora muitas das queixas do poeta inglês William Wordsworth fossem contra a fumaça, a congestão, a pobreza e a feiura das cidades, ele acentuou o efeito das cidades em nossas almas, mais do que em nossa saúde, acusando as cidades de fomentar uma família de emoções contrárias à vida, como a angústia, a inveja, o orgulho, o exibicionismo, a falta de perspectiva e os “desejos incessantes por coisas novas que não lhes

faziam falta e das quais não dependia a felicidade” (apud Botton, 2012, p. 136). O tempo tornou-se uma junção de imediatismos, passamos a olhar o mundo pelas molduras das janelas, pelo para-brisa e pelo retrovisor, afetados pela velocidade e pelas sequências disformes.

Os efeitos do excesso de imagens em nossa sociedade podem ser bastante problemáticos. “Se não sabemos ver, é certamente porque a visibilidade não depende do objeto apenas, nem do sujeito que vê, mas também do trabalho de reflexão: cada visível guarda uma obra invisível que é preciso desvendar a cada instante e a cada movimento” (Novaes, 2004, p. 11). Valéry (2012, p. 133, grifos no original) aponta como em nossos modos diversos de viver, “o modo de ser da modernidade é exatamente o de uma *intoxicação*”. Em todo momento, para ele, estamos *aumentando a dose*: “cada vez mais *adiante*, cada vez mais *intenso*, cada vez *maior*, cada vez mais *rápido*, e sempre mais *novo*, essas são as exigências, que correspondem necessariamente a certo endurecimento da sensibilidade”.

Levando em conta essas problematizações das mazelas das cidades, podemos pensar o USk como um movimento de resistência ante a brutalização da vida cidadina. Uma resistência silenciosa, que se encontra no cidadão sentado em um banco ou no meio-fio da calçada, com folhas avulsas ou um *sketchbook*, olhando repetidamente para o papel e para o espaço. É uma resistência calada porque não panfleta, mas chama a atenção das pessoas que, aturdidas, veem neles suas perspectivas, seja no desejo claro de imitá-los, seja no recalque advindo das multirefexas da vida corrida. Os *urban sketchers* resistem à brutalidade da materialidade ao desenhar e buscar conhecer os locais públicos, os prédios históricos e os monumentos. Resistem à brutalidade das sociabilidades ao se reunirem com pessoas desconhecidas e formar redes de amizades e contatos. Finalmente, resistem à brutalidade da sensibilidade e do olhar ao disponibilizar tempo para o desenho, ao parar para apreciar e refletir, para retirar poesia do espaço vivenciado.

Vale ressaltar que, no Brasil, os grupos mais prolíficos estão nas grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Natal e Goiânia, entre outras. Em cidades pequenas há poucos membros e eventos. Não podemos desconsiderar que nas grandes cidades as notícias correm mais rápido, há mais universidades e um circuito maior de ideias, mas é necessário observar que a vivência nas cidades pequenas se dá de forma muito mais pessoal, intimista, subjetiva e próxima espacialmente. Ainda assim, mesmo nessas cidades, as pessoas vivenciam elementos da vida metropolitana, como o trânsito, os relógios acelerados e as horas a cumprir, o desconhecimento da história local e de seus prédios e monumentos. Mesmo nessas cidades, *sketchers* percebem como não as conheciam antes de pararem para desenhá-las, como mostra o *sketcher* Joel Venceslau:

Em minha vida profissional, tanto o olhar como a prática do desenho a

mão livre se limitava aos croquis de criação e ao entendimento das necessidades do projeto, porém, com a participação nas atividades do USk, percebo que a cada desenho *in loco* ou em cada encontro que participo descubro mais razões gratificantes para continuar desenhando, como a prática que melhora o resultado a cada desenho, o olhar que passa a ser mais abrangente e minucioso, a sensibilidade no entendimento espacial e cultural dos locais desenhados, entre outras, que retornam como ferramentas importantes na minha vida profissional e pessoal. (Venceslau, 2016).

Exemplos dessas resistências são os materiais retirados das plataformas USk. Podemos observar que, independentemente de onde os *sketches* são produzidos, se nas grandes metrópoles ou nas cidades pequenas ou interioranas, os registros servem à proposta de resistência às brutalidades contemporâneas.

Urban Sketchers e as sociabilidades

Pensar em sociabilidade e redes de contatos dentro do USk remete-nos ao fato de que todos os itens do manifesto têm as palavras “nós” ou “nossos”. Isso revela sua característica de grupo, sempre tratando como algo coletivo e mesmo quando o desenho é feito de forma solitária, há o compartilhamento *on-line* dos resultados. Essa relação com as pessoas é bastante interessante dentro do universo USk e pensar em sua sociabilidade é o primeiro passo para entendê-los como um contraponto da vida urbana na contemporaneidade. Campanario, no livro “*The art of Urban Sketchers*”,² relata que:

*Most days, you can still find me drawing around Seattle, gaining new appreciation for the city with every sketch I make, no matter how fast or accurately rendered. With every piece, my skills are sharpened and my connection with the community becomes stronger.*³ (Campanario, 2012, p. 11).

Essa ideia de conexão com a comunidade pode ser identificada em relatos

2 Essa obra é um livro organizado por Campanario com diversas informações sobre o USk e com muitos desenhos e relatos de outros sketchers ao redor do mundo.

3 Tradução livre: “Na maior parte dos dias, você pode ainda me encontrar desenhando ao redor de Seattle, adquirindo uma nova apreciação pela cidade com cada *sketch* que eu faço, sem importar quão rápido ou preciso ele foi. A cada *sketch*, minhas habilidades são melhoradas e minha conexão com a comunidade torna-se mais forte”.

sobre como foi importante para os *sketchers* encontrar pessoas que partilham da mesma paixão e poder reunirem-se com elas para praticar o desenho. “Desenhar locais visitados para estudos ou durante viagens era algo que eu já fazia sozinho, sem saber que existia um grupo que se reunia apenas para essa atividade”, conforme afirma o *sketcher* Ronaldo Kurita (2015). O *sketcher* Kei Isogai (2016) descreve sua ida para desenhar com os colegas Fabiana Boiman e Mateus Rosada no Largo São Bento, em São Paulo: “sentamos nas escadarias de acesso ao metrô e curtimos a bela luz de fim de tarde que se fazia nas paredes do Mosteiro”.⁴ O *sketcher* Carlos Roque (2016) postou um desenho que fez “acompanhado da deliciosa companhia e da boa conversa do casal Jony Coelho e Joan Kerr Coelho”.⁵

Para Campanario, “*the internet has helped urban sketchers find each other; as a result, more meet to draw together than ever in the past*” (2012, p. 22).⁶ Sobre o movimento, o *sketcher* Omar Jaramillo relata: “*I always thought that drawing was a solitary experience, until I found the online urban sketchers community*” (apud Campanario, 2012, p. 214).⁷ “*Drawing storyboards for commercials wasn't the same thing as drawing from life, so I started using my sketchbook more and more, especially after finding other people on the Internet with a similar interest*”, diz Miguel Heranz, *sketcher* de Barcelona (apud Campanario, 2012, p. 130).⁸ Nos encontros, esses amigos virtuais “tornam-se de carne e osso”, como se percebe nos relatos de Eduardo Gerales (2016) e Francis Iwamura (2016), respectivamente:

E o que eu desconfiava ficou escancarado em Curitiba, nosso primeiro Encontro Nacional: um bando de trezentos apaixonados toma a cidade de lápis e pincéis em punho... cena inesquecível! Finalmente conheço pessoalmente aqueles que só existiam nas redes sociais e postagens de desenhos maravilhosos... os amigos agora são parte da vida e a paixão de desenhar diz que fica de vez!

[...] participei do 1º Encontro de *Urban Sketchers* do Brasil [...] e tive a imensa satisfação de conhecer pessoalmente muitos croqueiros que

4 Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1242210912495719&set=gm.1049065381879957&type=3>> Acesso em: 13 maio 2017.

5 Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=553737971479809&set=gm.992580427528453&type=3>> Acesso em 13 maio 2017.

6 Tradução livre: “a internet tem ajudado os *urban sketchers* a se encontrarem; como resultado, [há] mais encontros para desenhar juntos do que no passado”.

7 Tradução livre: “Eu sempre pensei que desenhar era uma experiência solitária, até eu encontrar a comunidade online USK”.

8 Tradução livre: “Eu comecei a usar meu *sketchbook* mais e mais, especialmente depois de encontrar outras pessoas na internet com interesses similares”.

admirava pelas redes sociais do USk. Esse encontro, além de celebrar a paixão pelo desenho urbano, também confirmou a sensação de pertencer a uma grande família.

Para o *sketcher* Montalvo Machado, de São Paulo (2011), “os benefícios de se reunir com os amigos para desenhar coletivamente vão muito além da prática constante”, pois acredita que “se refletem numa rede de contatos fora do estúdio, no mundo real, ao mesmo tempo em que se formam comunidades *on-line* com os mesmos ideais, gerando uma troca de ideias, técnicas e influências que beneficiam a todos”. Campanario assinala que, “*although sketching is a solitary activity, it becomes social when you share your drawing online and meet other people to draw together*” (2012, p. 18).⁹ Para aqueles que são muito tímidos para desenhar sozinho em público, Campanario (2012) sugere que fiquem juntos à pessoas que também desenhavam, o que fomenta uma rede de suporte e um fator motivacional. A *sketcher* Mazé Leite (2011), ao participar do USk, mantém-se “ligada ainda mais no desenho de locação” e “a todos os outros que também vivem pelo mundo com lápis e papel na mão”. Referindo-se ao desenho, ela afirma que pensa ser “mágico o fato de uma mão humana poder traçar linhas, manchas, formas que vão expressando sua visão do mundo; e, além de tudo, cria um diálogo com as outras pessoas, porque o desenho – assim como a arte – tem esse dom de aproximar os seres humanos”.

Diversas formas de interação já aconteceram, como grupos que fizeram um mesmo desenho, coletivamente, ou saíram de van pela cidade, parando de ponto em ponto para desenhar, ou então reunião de grupos com interesses muito específicos, como desenhar praias, panoramas, multidões, cemitérios, patrimônios bem conservados ou abandonados, passantes e moradores de rua, eventos populares ou étnicos, carros parados ou o trânsito intenso, objetos icônicos da cidade, entre muitos outros elementos. Na figura 2, pode-se ver uma fotografia de um *SketchJam*, evento em que as pessoas se encontram em bares da cidade de São Paulo para se divertir, ouvir música e desenhar os músicos.

9 Tradução livre: “Embora seja uma atividade solitária, o desenho se torna social quando você o compartilha *on-line* e encontra outras pessoas para desenhar junto”



Figura 2 – Fotografia de Joel Lobo em *SketchJam*. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201923606797105&set=gm.698567936849322&type=3>> Acesso em: 18 jun. 2017.

Urban Sketchers e as materialidades

Um olhar sobre a relação do USk com a materialidade das cidades levamos-nos à questão do patrimônio histórico e cultural, sobretudo no que se refere à arquitetura e aos monumentos e, conseqüentemente, à memória e à história das cidades. Para Benjamin (apud Pesavento, 2007, p. 22), as cidades de pedra podem ser lidas, assim como para Michael Pollak (1989), que destaca que a memória é guardada e solidificada nas pedras. É possível, portanto, acessar memórias e a história dos locais através dos monumentos e da arquitetura.

De acordo com o artigo 216 da Constituição Brasileira de 1988, o patrimônio nacional é constituído pelos “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]” (Brasil, 1988). Vale destacar que, além de incluir como patrimônio o que é imaterial, o documento reconheceu que “os valores culturais (os valores, em geral) não são criados pelo poder público, mas pela sociedade” (Meneses, 2012, p. 33). Se é a própria sociedade que qualifica o patrimônio, quais as conseqüências de um total ou parcial descaso para com ele? Benjamin (1986, p. 196) questiona: “qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”. Ou seja, se o vemos, por que não o reconhecemos? Por que não desfrutamos de seu espaço enquanto palco da história e por que ele não nos diz respeito em

relação às nossas memórias e afetividades? Para resolver esse problema, Pesavento tem algumas sugestões:

A patrimonialização do passado da cidade implicaria em assumir a cidade como propriedade cultural partilhada, o que demanda uma aprendizagem. Reconhecer uma história comum inscrita no espaço da cidade, entender como sua uma memória social, saber ver no traçado das ruas e nos prédios e praças, lugares dotados de sentido, endossar um pertencimento, reconhecendo territórios e temporalidades urbanas, é tarefa que deve ser assumida pelas instâncias pelas quais se socializa uma atitude desejada, indo da mídia ao ensino, do governo à iniciativa privada. Isto implicaria em criar responsabilidades, em educar o olhar e as sensibilidades para saber ver e reconhecer a cidade como um patrimônio herdado. (Pesavento, 2005, p. 16).

Os encontros do *Urban Sketchers* podem ser tomados aqui como um contraponto dessa realidade, relacionando-se com o patrimônio material ou imaterial das cidades e dos cidadãos, ou seja, aquilo que é edificado, mas também o imaginário das populações, os mitos que envolvem as cidades, suas personalidades, etc. Alguns desenham os prédios e descrevem suas histórias, outros retratam a si mesmos, como turistas fotografam-se diante de monumentos (Salavisa, 2008), outros ainda visitam locais ou param para ver manifestações culturais (e obviamente, desenhá-las). Geralmente há uma reflexão sobre a importância dos locais, da história e da memória, e é isso que torna o *urban sketching* uma prática que aproxima as pessoas do patrimônio histórico e cultural das cidades. Eles buscam ouvir as pedras e as pessoas, tornar presente o que foi presente um dia, valorizar a (i)materialidade das cidades em suas possibilidades.

Ruth Rosengarten relaciona os escritos de Michel de Certeau com a prática USk:

[...] Certeau afirma que criamos lendas e memórias urbanas transitando e orientando-nos por estes espaços, andando e conduzindo neles, vivenciando-os com os nossos corpos, os nossos sentidos, as nossas associações: as memórias ligam-nos ao lugar. “não há lugar”, acrescenta o autor a propósito, “que não esteja assombrado por muitos espíritos diversos, que aí se escondem em silêncio, e que podemos, ou não, invocar”. é algo que transcende a história de um lugar; é, também, a soma palimpséstica das experiências subjectivas desse lugar, que acrescenta as memórias individuais e colectivas que dele existem. Os lugares e as pessoas estão intimamente interligados entre si. Talvez seja isto o que procuramos captar quando,

dizendo-o nas palavras da declaração de missão dos *Urban Sketchers*, “os nossos desenhos contam a história dos ambientes que nos rodeiam, dos sítios, onde vivemos e dos lugares onde viajamos”. (Rosengarten, 2012, p. 39).

Com as mesmas palavras, podemos identificar nos relatos dos *sketchers* aos diversos espíritos urbanos explorados em seus desenhos, as profundas relações que eles estabelecem com a urbe, com as histórias que são contadas a partir das experiências locais. Matthew Brehm (apud Campanario, 2012, p. 196) conta que passa dois meses do verão ensinando desenho em Roma: “*sketching in Rome puts us in touch with the city, its history, its art and architecture*”.¹⁰ Quando Domingos Linheiro (2011) compartilha um desenho da Praça dos Leões, Dalton de Luca comenta: “seu desenho me aproxima dos lugares que você representa. Nunca estive na Praça dos Leões, mas parece que eu a conheço a (sic!) muito tempo”. Carlos Roque (2016) relata que no encontro USk Brasil, em Curitiba, quando reuniram-se para desenhar pequenas casas de madeira e lambrequins próximas da Praça 29 de Março, os antigos moradores viram os desenhos (figura 3) e os consideraram portadores de muitas lembranças.

¹⁰ Tradução livre: “fazer sketches em Roma põe-nos em contato com a cidade, sua história, sua arte e arquitetura”.



Figura 3: Desenho de Carlos Roque de casas de madeira em Curitiba. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=557762747743998&set=gm.999276806858815&type=3>> Acesso em: 14 jun. 2017.

Nas plataformas do *Urban Sketchers* é possível encontrar uma série de desenhos feitos pelos *sketchers* em suas cidades ou em viagens nos quais prédios históricos são retratados. Junto aos desenhos, eles escrevem sobre a história do local, advinda de pesquisas ou de relatos de quem vive nele ou nos arredores. Alguns desenhavam templos, espaços de memória étnica arquitetônica, como José Marconi (2013), que desenhou a Praça do Japão de Curitiba (figura 4). Thaís Machado (2016), marcou o 43º USk Rio para o Dia da Consciência Negra de 2016, no Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana.¹¹ Outros ainda desenhavam locais com simbolismo religioso forte, sejam igrejas cristãs, templos budistas, assim como locais com mitologias e crendices ao seu redor. A figura 5 é de Eduardo Bastos, enquanto ele desenha atentamente o Profeta Oséias, em Congonhas-MG. Há, nesta foto, muito do que foi dito, uma relação de proximidade para com uma

¹¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1155191641261636&set=oa.1774257372792086&type=3>> Acesso em: 14 jun. 2017.

cultura material, mas também imaterial, com a estátua, também com a fé, a história, a religiosidade brasileira.



Figura 4 – Desenho de José Marconi na praça Japão, em Curitiba. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=413093368795398&set=p.413093368795398&type=1>>. Acesso em: 21 ago. 2019.



Figura 5 – Fotografia de Eduardo Bastos desenhando em Congonhas-MG. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205011126237714&set=pcb.996548290465000&type=3>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

Como visto, as relações possíveis entre a cidade e a sua (i)materialidade se dão através do desenho e constituem parte significativa do movimento. Quando desenham, buscam conhecer o que estão desenhando, pesquisam, ouvem histórias de quem passa e conhece, leem legendas dos próprios locais/monumentos. Quando dizem respeito a um grupo ou nação, ativam a memória coletiva. Quando subjetivas, as experiências com o patrimônio histórico e cultural podem ser mais gratificantes ainda, já que tratam de memórias pessoais e lembranças de outros tempos. De certa forma, remete-se ao valor histórico/(i)material dos locais pelo simples fato de o desenho não ser “engavetado”, mas ser compartilhado em rede, estar sempre recebendo novos olhares.

O *Urban Sketchers* e as sensibilidades

A história das representações das cidades nas Artes Plásticas, Literatura, Poesia e Música é uma história da sensibilidade urbana, ou seja, uma história de como o homem viu, sentiu e expressou a cidade. É possível inserir o *Urban Sketchers* dentro dessa história, elencando elementos que caracterizam o movimento e as temporalidades com as quais ele dialoga. As sensibilidades estão relacionadas ao mundo das sensações, das subjetividades, dos valores e dos sentimentos. Elas podem ser individuais ou partilhadas, pois são as formas pelas quais indivíduos e grupos se percebem, representando uma realidade através das emoções e dos sentidos (Pesavento, 2004).

Sandra Makowiecky escreve sobre lugares que poderiam pertencer a um mapa das Cidades da *Anima*, ou seja, as cidades com alma, e, para exemplificar, elenca “a Londres enevoadada de Turner, a Paris e o Porto de Havre de Albert Marquet, a lírica aldeia de Vitebsk de Marc Chagall, onde os violinistas tocavam nos telhados, a Florianópolis de Martinho de Haro” além da “Nova York de Hooper, a Paris de Vlaminck, a São Paulo de Tarsila do Amaral, a Lisboa de Eça de Queirós” (Makowiecky, 2012, p. 81-82). Dentro do *Urban Sketchers*, pode-se falar também sobre cidades próprias, guardadas as proporções. Há uma Brasília de Camila Diógenes, uma São Paulo de Eduardo Bajzek e Miha Nakatani, uma Curitiba de Fabiano Vianna, Raro de Oliveira e Simon Taylor, um Rio de Janeiro de Thaís Machado, entre muitíssimos outros exemplos. Na forma como tornam suas essas cidades, tratando-as como suas próprias representações, com suas subjetividades, vendo nelas o que suas preferências apontam, os *sketchers* colocam nas imagens muito mais de si do que da paisagem vista. Podemos citar os *sketches* de Matheus Rosada e Miha Nakatani, que desenharam o mesmo lugar, a Avenida Paulista e o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Rosada dá atenção à multidão, às cores de um dia ensolarado e ao prédio do famoso museu que figura ao fundo, com sua reconhecível fachada vermelha, que destaca-se entre os prédios e o horizonte. O desenho é alegre e movimentado (figura 6). Miha Nakatani se detém a detalhes, mas não retrata pessoas, utiliza tons amarelados e avermelhados, o que transmite certa melancolia e solidude (figura 7).



Figura 6 – Desenho de Mateus Rosada na Avenida Paulista (São Paulo-SP). 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/UrbanSketchersBrasil/permalink/1426957304090761/>>. Acesso em: 21 ago. 2019.



Figura 7 – Desenho de Miha Nakatani no MASP, em São Paulo. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1495951383752714&set=gm.1161119027341258&type=3>. Acesso em: 12 jun. 2017.

Por andar pelas cidades, por parar e observá-las, uma possível comparação de se fazer com os *urban sketchers* é com a figura do *flâneur*. Anderson da Costa afirma que

em seu andar errante, a rua lhe mostra o âmago da urbe, revelando-lhe ora uma construção que por ali estar há tanto tempo tornou-se invisível aos olhares mais apressados, mas que por ter a sua própria história surge diante do flâneur de uma forma inteiramente diferente, com outro significado, ora deixa ver os vestígios da noite anterior que a cidade fora outra, ainda que fisicamente fosse a mesma, oferece-lhe o olhar efêmero e único da mulher que passa, a qual ele talvez jamais veja novamente; traz aos seus ouvidos a voz por vezes estridente do vendedor ambulante a contrastar com a música que irrompe da esquina mais próxima. É, portanto, a cidade como um organismo vivo que fascina o flâneur. (Costa, 2011, p. 18).

Três características advêm dessas descrições que podem ser aplicadas aos *sketchers*: a relação com a cidade, a disponibilidade de tempo e a descoberta do que o fascina. Essas três características serão demonstradas através de como os *sketchers*

praticam o desenho pelas cidades e como eles mesmos se descrevem. Hugo Paiva (2011) afirma que “desenhar a cidade faz com que você tenha uma relação muito intensa com os lugares retratados, pois temos que prestar atenção em cada detalhe do edifício para julgarmos o que vamos registrar ou não”. Campanario (2012) afirma que desenhar o ajuda a fincar raízes. Virginia Hein, de *Los Angeles* (apud Campanario, 2012), escreve que se apaixona pelos lugares através do desenho deles. Nina Johansson, da Noruega, diz que “*Drawing a city is not just capturing it on paper [...]. It's about getting to know it, to feel it, to make it your own*” (apud Campanario, 2012, p. 12).¹² José Clewton (2012) relata como aprofundou sua relação com Salvador no período de capacitação acadêmica, principalmente “a partir das práticas do ‘percorrer’ os espaços, no intuito de captar suas particularidades, ressaltadas a partir da relação entre espaços construídos e práticas sociais estabelecidas nestes espaços”. Ele conta que desenhar a cidade foi uma forma de captá-la e obter uma forma particular de dialogar com ela, o que se tornou um hábito. Kei Isogai (2016), desenhando na última tarde do Encontro USk Brasil em 2016 (figura 8), se encanta com “aquela cena das metrópoles na nossa frente, gente de todos os tipos, sons, cheiros, arquitetura...e *sketchers* aos montes!”.¹³

12 Tradução livre: “desenhar uma cidade não é apenas capturá-la no papel”, mas é também “conhecê-la, senti-la, fazê-la sua”.

13 Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1152197524830392&set=gm.950524441734052&type=3>>. Acesso em: 22 jun. 2017.



Figura 8 – Desenho de Kei Isogai no Paço Municipal de Curitiba. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1152197524830392&set=gm.950524441734052&type=3>. Acesso em: 22 jun. 2017.

Paul Wang, de Hong Kong (apud Campanaio, 2012, p. 234), relata: “*sketching is a unique way of telling stories as I discover the world*”.¹⁴ Wil Freeborn, de Glasgow (apud Campanaio, 2012, p. 64), afirma sobre o ato de desenhar: “*It’s been a great way to explore and find out more about where I live*”.¹⁵ No blog USk, Dalton de Luca elogia os desenhos de Rafael Fonseca (2011) no Outeiro da Glória: “cada desenho que você faz mostra um lugar do Rio que a gente não conhece, como essa igreja. Vai dando uma vontade de viajar”. Luca também elogia João Pinheiro (2011): “parabéns por descobrir beleza em nossa cidade e nos inspirar”. Cristina Jacó complementa: “o engraçado é que minha rua se parece com a sua e eu nunca senti vontade de desenhá-la”, o que nos remete a invisibilidade tratada mais acima.

O universo *sketcher* e a sensibilidade das cidades se dá, por fim, na percepção e na poetização dos ambientes urbanos. Os *sketchers*, com os olhos afiados,

14 Tradução livre: “fazer *sketches* é a única forma de contar histórias enquanto eu descubro o mundo”

15 Tradução livre: “tem sido uma grande forma de explorar e descobrir mais sobre onde eu vivo”

podem extrair poesias das cenas urbanas. Jony Coelho (2017) desenhou o campanário de uma igreja (figura 9) no 2º USk Florianópolis: “Achei interessante o singelo campanário contrastando com a brutalidade do edifício sendo construído ao fundo. Dinossauro prestes a devorar uma flor”. Áureo Castelo Branco (2017) denomina seu passeio por Teresina como um “passeio sentimental”. O monumento Ramos de Azevedo, em São Paulo, é desenhado por Hugo Paiva (2011), que afirma que apesar de estar numa rotatória, fica solitário devido à sua altura e localização. Regina Borba (2016) desenhou postes elétricos, que “têm suas belezas”, conforme ela defende.¹⁶

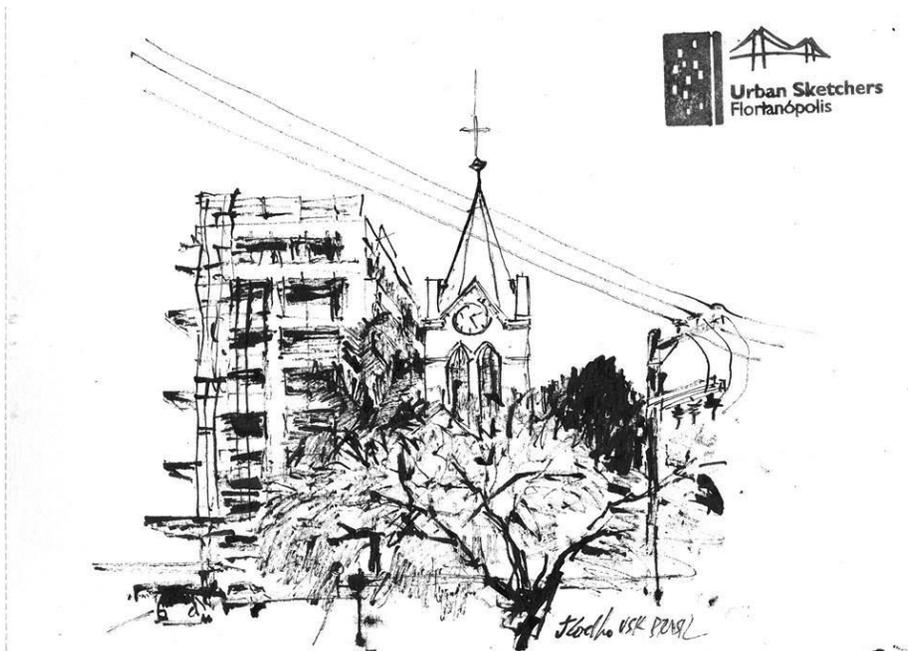


Figura 9 – Desenho de Jony Coelho em Florianópolis. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1554061758231524&set=a.1379009039070131.1073741826.100008831435115&type=3>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

Considerações finais

As cidades têm sido espaço de diversas manifestações, ocupações, socialidades, construções e desconstruções de patrimônio (materiais ou imateriais),

¹⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10211773359355489&set=gm.1168553989931095&type=3>> Acesso em 03 jul. 2017.

capturas, interpretações, poetizações, sensibilidades. O *Urban Sketchers*, em seus quase doze anos de existência, tem provocado alterações na percepção da urbe, provocado novas relações e novas reflexões, assim como possibilitado protagonismos em seus diferentes espaços. Assim, esse artigo encerra destacando a potencialidade do movimento para a construção de novas possibilidades sensíveis e atitudinais, pois o *Urban Sketchers* pode estar inserido em tradições antigas como o desenho a mão, o uso dos cadernos, a criação de um manifesto, mas de forma alguma deixa de dialogar com as demandas do contemporâneo, sendo considerado um movimento de resistência às brutalidades das relações pessoais, da fruição histórica e do olhar hiperestimulado e incapaz de enxergar as nuances da cidade.

Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BOLLE, Willi (Org.). *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1986.

_____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Lima Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOTTON, Alain de. *A arte de viajar*. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: versão atualizada até a Emenda n.30/2000*. Disponível em: <<http://www.teiajuridica.com.br>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

CAMPANARIO, Gabriel. *The art of Urban Sketchers: drawing on location around the world*. Beverly: Quarry Books, 2012.

CARVALHO, Sérgio Lage T. A saturação do olhar e a vertigem dos sentidos. *Revista USP*, São Paulo n. 32, p. 126-155, dez./fev. 1996-97.

CLEWTON, José. Conheça os Correspondentes: Natal - Rio Grande do Norte < José Clewton do Nascimento. *Urban Sketchers Brasil*, 8 fev. 2012. Disponível

em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2012/02/conheca-os-correspondentes-natal-rio.html>>. Acesso em: 30 out. 2016.

COSTA, Anderson da. *A flânerie como prática surrealista em Nadja: uma proposta de tradução*. Tese (Doutorado em Literatura) –UFSC, Florianópolis, SC, 2011.

FONSECA, Rafael. Outeiro da Glória e Igreja do Bom Jesus da Coluna. *Urban Sketchers Brasil*, 2 nov. 2011. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2011/11/outeiro-da-gloria-e-igreja-do-bom-jesus.html>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

GERALDES, Edu. Conheça os Correspondentes: Eduardo Geraldes, de São Paulo-SP. *Urban Sketchers Brasil*, 30 out. 2016. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2016/10/conheca-os-correspondentes-eduardo.html>> Acesso em 14 maio 2017.

ISOGAI, Kei. Antenas, muros e portões. *Urban Sketchers Brasil*, 19 ago. 2016. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2016/08/antenas-muros-e-portoes.html>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

IWAMURA, Francis. Conheça os Correspondentes: Ronaldo Kurita, de São Paulo/SP. *Urban Sketchers Brasil*, 30 out. 2016. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2016/10/conheca-os-correspondentes-francis.html>>. Acesso em 14 mai. 2017.

KURITA, Ronaldo. Conheça os Correspondentes: Ronaldo Kurita, de São Paulo/SP. *Urban Sketchers Brasil*, 4 mai. 2015. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2015/05/ronaldokurita.html>>. Acesso em: 28 out. 2016.

LEITE, Mazé. Conheça os correspondentes: São Paulo – SP < Mazé Leite. *Urban Sketchers Brasil*, 28 ago. 2011. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2011/08/conheca-os-correspondentes-sao-paulo-sp.html>>. Acesso em: 28 out. 2016.

LINHEIRO, Domingos. Sem título. *Urban Sketchers Brasil*, 1 out. 2011. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2011/10/no-final-da-av-beira-mar-em-fortaleza.html#comment-form>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

MACHADO, Montalvo. Conheça os correspondentes: São Paulo - SP < Montal-

vo Machado. *Urban Sketchers Brasil*, 24 ago. 2011. Disponível em: <http://brasil.urbansketchers.org/2011/08/conheca-os-correspondentes-sao-paulo-sp_3991.html>. Acesso em: 28 out. 2016.

MAKOWIECKY, Sandra. *A representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos*. Florianópolis: DIOESC, 2012.

MARCONI, José. Feira de Campina Grande (Paraíba). *Urban Sketchers Brasil*, 18 dez. 2013. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2013/12/feira-de-campina-grande-paraiba.html>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, 1., 2009, Ouro Preto. *Anais...* Brasília: Iphan, 2012. p. 25-39. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/MENESES_Ulpiano_O-campo-do-patrimonio-cultural--uma-revisao-de-premissas.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2017.

MENEZES, Marco Antonio de. Baudelaire: um poeta a auscultar a cidade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-9. Disponível em: <http://multimediasignstudio.com.br/demo/uploads/files/1534015346_c3239105b8bce70d88ec88a852a7e9ab.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2019.

_____. Cidades: Lugares de dispersão da memória. *Revista Rascunhos Culturais*, Coxim, v. 4, n. 8. p. 49-66. jul./dez. 2013. Disponível em: <http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2014/03/8ed_artigo_3.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2017.

NOVAES, Adauto. *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Senac, 2004.

PAIVA, Hugo. Conheça os correspondentes: São Paulo - SP < Hugo Paiva. *Urban Sketchers Brasil*, 24 ago. 2011a. Disponível em: <http://brasil.urbansketchers.org/2011/08/conheca-os-correspondentes-sao-paulo-sp_24.html>. Acesso em: 30 out. 2016.

_____. Monumento Ramos de Azevedo. *Urban Sketchers Brasil*, 7 set. 2011b. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2011/09/monumento-ramos-de-azevedo.html>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

PESAVENTO, Sandra. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.

_____. *Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online]. Colóquios, 4 fev. 2005. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/229>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

_____. Cidades Visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002>. Acesso em: 11 fev. 2016.

_____. História, memória e centralidade urbana. *Revista Mosaico*, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/view/225>>. Acesso em: 7 jul. 2017.

PONTES, Mateus de Mesquita. Charles Baudelaire: atração e rejeição à modernidade. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 15, n. 26, p. 229-234, jan./jun. 2013.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRADO, Paulo. Artistas da ilha querem um museu para preservar o passado. *O Estado*, Florianópolis, p. 11, 2 nov. 1980.

ROSENGARTEN, Ruth. Passar por aí, continuar a andar: desenho urbano em contexto. In: SALAVISA, Eduardo (Org.). *Urban Sketchers em Lisboa: desenhando a cidade*. Lisboa: Quimera, 2012.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1979.

VALÉRY, Paul. *Degas dança desenho*. Tradução Christina Murachco e Célia Euvaldo. 1 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

VENCESLAU, Joel. Conheça os correspondentes: Joel Venceslau de Araraquara-SP. *Urban Sketchers Brasil*, 19 jul. 2016. Disponível em: <<http://brasil.urbansketchers.org/2016/07/conheca-os-correspondentes-joel.html>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

SALAVISA, Eduardo (Org.). *Diários de viagem: desenhos do cotidiano – 35 autores contemporâneos*. Lisboa: Quimera, 2008.

Resumo: Este artigo é um recorte da dissertação “*Urban Sketchers Brasil: Memória e sensibilidade nas cidades contemporâneas*” e aborda a temática da cidade em três aspectos: sociabilidade, materialidade e sensibilidade. Esse movimento de desenhistas urbanos é visto como um possibilitador de elos entre as pessoas, estabelecendo relações pessoais bastante interessantes; é visto, também, como um propiciador de contatos com os objetos históricos e mnemônicos da cidade; por fim, é visto como um possibilitador de experiências sensíveis do olhar e do sentir a vida na urbe. Assim, compreende-se o movimento em sua contemporaneidade e sua relação profícua com os ambientes urbanos.

Palavras-chave: Cidade. Contemporaneidade. Desenho. Resistência.

Abstract: This article is a snippet from the dissertation “*Urban Sketchers Brazil: Memory and Sensitivity in Contemporary Cities*” and deals with the theme of the city in three aspects: sociability, materiality and sensitivity. This movement of urban designers is seen as a linker between people, establishing very interesting personal relationships, it is seen as a facilitator of contacts with the historical and mnemonic objects of the city, and finally, it is seen as a facilitator of sensitive experiences of looking and feeling life in the city. Thus, we understand the movement in its contemporaneity and its fruitful relationship with urban environments.

Keywords: City. Contemporaneity. Drawing. Resistance.

Recebido em 21/08/19

Aprovado em 08/11/19